



O Gaiato

AVENÇA

10 de Maio de 1975 * Ano XXXII — N.º 813 — Preço 2\$00

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

* Director: Padre Luiz

Tribuna de Coimbra

Dia 25 de Abril. Data histórica e hoje de eleições. Levantei-me mais cedo. Comecei o dia pelo encontro com Cristo no Seu Altar. Ouvi Sua Palavra e, com o pão e o vinho, ofereci-Lhe e recomendei-Lhe o meu voto e o voto de todos os Portugueses que O aceitam como Luz e Verdade. Recomendei-Lhe também o José Augusto que faleceu há pouco e que, vítima de desastre no seu trabalho, passou muitos anos paralisado em seu carrinho de rodas, a quem a Caixa de Previdência ajudou um nadinha. Que Deus o tenha em repouso, pois a vida serviu-lhe de libertação terrena.

Do Altar parti para o lugar das mesas de voto. Deram as

oito horas e eu já lá estava. Quando cheguei, julgando que era dos primeiros, já uma multidão de gente esperava. Muita ordem, muita delicadeza, muita ansiedade, muita alegria, muita liberdade.

Gostei daquela hora. Vi muitas pessoas idosas, trémulas por aquela novidade, novidade para a sua limitação de esclarecimento, mas felizes por serem chamados a dar o seu voto. O futuro da Pátria depende de todos e é para bem ou mal de todos. Embora muitos não tenham entendido o boletim de voto, o resultado das eleições tem de revelar a escolha geral do Povo. O Povo escolherá quem lhe reconheça que «o Povo é quem mais ordena» e não

continuará a ser somente ordenado ou explorado.

O Povo tem mostrado o seu cepticismo em tantas promessas que agora lhe têm sido feitas. Está farto de promessas. Quer ver obras. Quer ver a verdade. Foi às urnas confiante. Diz que nunca assim foi. E agora o que irá ser? Muitos foram de mãos trémulas. A ordem, a alegria, a delicadeza, a liberdade já foram uma resposta. Todos aguardamos confiantes. Que Deus Pai, que muitos agora têm esquecido ou abandonado, nos congregue no Seu Amor e nos dê a ansiedade de nos encontrarmos todos como irmãos, como em Sua Casa.

Padre Horácio

NOTAS do TEMPO

● Bom é construir! Construir de novo e remediar do velho — efectivar o que não há e urge.

Foi o que me encheu de esperança e aqui revelei quando se soube do S.A.A.L. Acção simples e pronta — eficiente em si e sinal de credibilidade de que o problema da habitação arrancaria mesmo, sem golpes de teatro, qual bolinha de neve que no seu rolar havia de crescer e preencheria o vazio.

Parece que não é tanto assim. D. Burocracia surge e complica sempre. Há pelouros, há questões, há teias que enredam. Agora e antes, os homens são os mesmos; os defeitos, iguais. As autênticas transformações sociais têm o Homem por objecto e... também por sujeito. Sem

ele, nada. É por isso que elas jamais se realizam de fora para dentro, de cima para baixo. Não-de começar nele e por ele alcançar seu fim.

Não julgo culpas. Não tenho dados nem mandato para tal. Lamento, apenas.

● Entretanto, ao ritmo das leis e dos planos, já que as soluções preconizadas lhes não aguentam o passo — vai-se vulgarizando a ocupação sem lei, de casas devolutas ou atribuídas, quando não mesmo das já habitadas, mas tidas por demasia para quem nelas mora. Nisto é que os homens já não são iguais. Há inflação de jufzes.

Nós conhecemos o Barredo, muitos barredos, de quando ainda poucos os conheciam, ou, se sim, permaneciam caladinhos como ratos. Aos seus moradores, como aos de bairros de bom nível, sempre avisámos, deste lugar onde se escreve e dos lugares onde nos deram a palavra, que conformismo é conformação corrompida — pelo que, tanto uns como outros teriam de unir esforços e vencer inércias para que barredos mais não fôssem e se aplanassem abismos que separam as duas formas de viver. De uns e de outros surgiram reacções salutares, mas muito aquém do que seria necessário para remediar ferida tão grave. A maioria dos bem-instalados «conformou-se» demasiado facilmente com os sofrimentos alheios. E os mais sofrendores aceitaram-nos demasiado passivamente,

Continua na QUARTA página

Areias do Cavaco

Foi à hora do deitar. Costumo passar pelos dormitórios, à maneira de despedida, antes de adormecerem. Na casa-mãe, dormem os mais pequeninos. São treze. O chefe é o Pedro Luís. Fui dar com eles, neste quadro lindo: sentados em suas camas, faziam a sua oração da noite. Quedei-me a saborear aquele momento, carregado de simplicidade. No meio deles, a voz do chefe faz-se ouvir numa súplica comovente: pela Paz em Angola.

Acredito na força da oração dos pequeninos. É preciso que os responsáveis oçam este pedido. É uma súplica feita ao Senhor da Paz, Mas é também aos homens desta terra.

Que a voz destas crianças faça com que os homens não matem outros homens.

x x x

A vida dos Pobres é muito dura! E não devia ser.

Os homens de negócios lamentam-se. Os Operários queixam-se do mesmo modo. Mas quem partilhar da vida dos que nada têm, que há-de dizer? Como calar o grito de revolta das mães que querem pão para os seus filhos e não o têm? Que querem um

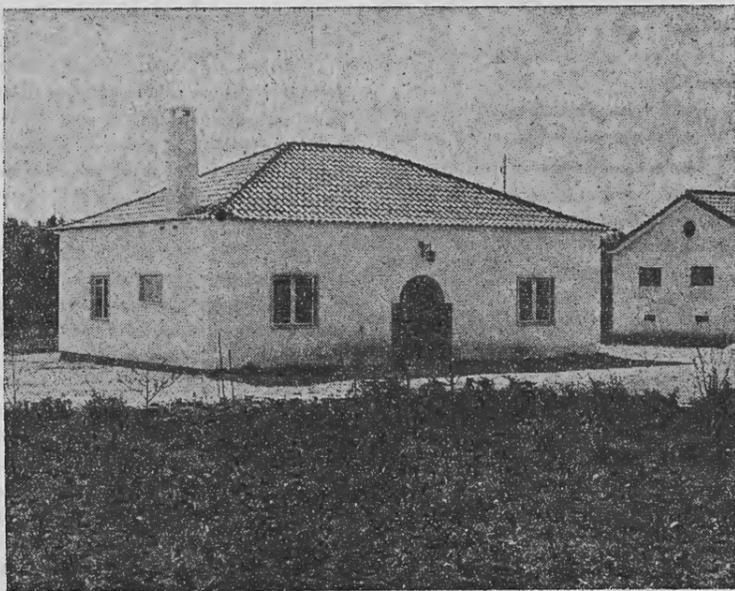
lecto para os abrigar e vivem em barracas imundas? Que querem leite para os amamentar e têm os peitos secos e mirrados? Sou testemunha. A pequenina Augusta, de 11 anos, veio buscar-me, um dia destes e levou-me ao lugar onde viviam. Abriu a porta e quis que eu entrasse. Vi tudo. Vi o telhado esburacado. Vi as enxergas húmidas pela chuva que caiu naquela noite.

Se fosse um caso ou outro... mas são multidão. Não se pode viver tranquilamente. Ninguém pode ficar indiferente perante uma sociedade assim.

A propósito, veio agora mesmo uma carta que diz assim: «... Pois bem, ao ler «O Gaiato» notei que estava a deixar-me levar pelo cuidado, talvez excessivo, de me preocupar com o futuro e de ir amalhando, sem pensar nos outros. E resolvi tomar algumas providências... Junto envio esse pequeno cheque...»

Outra carta daquela que se intitulava «Irmã de quem não tem casa nem pão», acompanhada de uma nota. É mais outra com parte do ordenado do marido. Vão ajudar a tapar os buracos da casa da mãe da Augusta.

Continua na QUARTA página



Tojal (Loures) — Casa da Lavoura

À PARTIDA

É a última vez que, como responsável directo da Casa de Lisboa, subscrevo esta rubrica. Uma permanência de quase doze anos aqui, em contacto com as Pessoas e as coisas, não deixará de me ter marcado de modo indelével. É que à mistura de alegrias e de tristezas corresponde também um perfo-

Aqui, Lisboa!

do intenso de actividade, com fracassos e vitórias, desilusões e lágrimas, mas também a certeza de que vale a pena lutar por uma sociedade mais justa e feliz.

Não se trata duma despedida, pois, com frequência, por cá passarei, porém, deixar de agradecer aos nossos Amigos, sobretudo da zona da Capital, o carinho e a amizade dispensados a esta Casa, que, estou certo, vão continuar. A

Obra não pertence a um ou a um grupo de Padres, mas é de todos nós e está, de resto, no coração dos Portugueses. Tenho a certeza, portanto, de que os meus Sucessores irão encontrar a maior solidariedade e, se possível, cada vez mais, em ordem a bem poderem cumprir a sua missão.

Isto que queria dizer a dois dias da partida do Tojal. Um bem-haja muito sentido e as minhas saudações em Cristo.

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

A NOSSA CASA — Depois de alguns dias ausente chegámos, desejosos de gozar a natureza da nossa Casa, do nosso melhor ambiente. Fui dar uma volta. Junto à vacaria, uma cerca e vitelos dentro dela, e cá fora estavam rapazes dos mais pequenos a meter as mãos na boca dos ditos. No curral das ovelhas, estava o Toni mais dois, com um cordeirinho ao colo.

Como ele o afagava!... Como ele explicava o nome delas!

Eles mais eles no que é deles. Se assim não fosse, as Casas do Gaiato não tinham razão de ser. Eles são arrancados à rua e vêm tomar lugar no que é deles.

Cada um tem a sua obrigação, e quando chegam da rua, é o contacto com a Natureza, mais com os outros que lhes faz ver o lugar que ocupam. A Rua não lhes dava a vida de que o Toni parecia.

BATATAS — Não é das que se comem que te falo. É dos nossos mais pequeninos. Passei à frente da Casa e vi um grande grupo deles a varrer as ruas. Outro visitante diria «coitadinhos»; mas eu não: distribuí beijos por todos, por saber que são eles, os beijos, que conquistam a confiança destes irmãos mais pequeninos. Pois se queres aprender, vem e distribui não «coitadinhos», mas beijos. Eles, os nossos mais pequeninos, têm as mesmas carências dos teus.

LAVOURA — Tem sido com muito esforço que temos feito as nossas sementeiras. Não temos, nem queremos terras bravias. Que o digam o «Mata-teu», mai-lo João «Bonanza», mai-lo Raúl. Enquanto aqueles agarram no tractor, este espalha o adubo mais a semente. Por isso, cá em Casa, o arroz e as batatas têm um sabor especial: colher o fruto é fácil, mas amanho a terra é ardoroso. Semear sempre na esperança dum boa colheita. Assim acontece com o homem. Ele é um jardim onde as flores luzem ao cabo de muito tempo a regá-las e adubá-las e às vezes só muito tarde se colhe o fruto.

Ernesto Pinto

Lar de Coimbra

PRESENTE! — Há já muito tempo que deste canto da Obra da Rua, não há notícias. Não que as não haja, mas sim porque ninguém se tem dado ao trabalho para que elas venham nas páginas de «O Gaiato». Hoje o Lar diz presente em «O Gaiato».

ANO ESCOLAR — O ano escolar começou muito bem. Muitos Rapazes, muita força de vontade por parte daqueles que concluíram o Ciclo da Telescola e desejariam continuar a sua carreira no campo estudantil. Acontece, porém, que muita dessa

força já desapareceu e a que resta está a fraquejar, mas lá vai indo.

O Lar abriu-se composto de Rapazes que, enfim, queriam ver até onde poderiam ir as suas possibilidades. É com grande pena que vos digo que alguns já de cá saíram. Vós haveis de perguntar, com certeza, porquê.

Nós não sabemos responder. Sabemos sim que é a família que chega da esta altura lhes corta o futuro — que para alguns devia ser muito lindo — em tenra idade.

São estes que se diz que «andam de mão beijada». Outros vão-se porque iludem-se com a vida cá fora. Claro que isto custa muito a quem os acolheu quando pequeninos e, portanto, gostariam de os ver bem colocados na vida.

Aos que restam, ouço dizer muitas vezes que nunca houve um ano escolar com tantas férias. Escusado será dizer que o tempo que foi desperdiçado, há-de faltar depois. Nós todos os anos temos que prestar provas do nosso conhecimento. Mesmo que venham mais vinte cinco de Abril, como aconteceu o ano passado.

A nossa esperança continua a ser a de sempre, que no fim do ano haja progresso, mas parece que por parte de alguns vai ser muito difícil.

VISITANTES — É no Lar que nós somos muito visitados por parte dos nossos grandes Amigos.

De vez em quando lá vão eles estar um pouco connosco. Uns que conheceram muito bem Pai Américo, outros que admiram as suas Obras... Por último aqueles que lá vão e que deixam o que levam.

— Quem foi o senhor que trouxe isso?

— Não sei, ele não quis dizer o nome; disse que isso não era preciso.

Temos também em nossa Casa, uma vez por semana, um grupo de Senhoras de Coimbra, que nos vão compor a nossa roupa.

Que bom ter amigos!

Zé Domingos

malanje

CASAMENTO — Casou o Bernardo com a Esperança.

O Bernardo esteve na Casa de Malanje desde os 17 anos até ir cumprir o serviço militar. Mal acabou, voltou. Antes de ir, trabalhava num tractor de rodas e quando voltou, trabalhou no de lagartas que nos deu a Diamang.

Foi um rapaz que sempre cumpriu as tarefas que lhe confiavam o melhor que podia.

Tem agora vinte e quatro anos.

A Esperança, moça simples, vivia com a sua família numa das aldeias vizinhas da nossa. É filha de um ex-nosso pintor e de uma senhora que pelo seu sorriso e simplicidade se vê ser uma jóia de mulher.

Foi no dia de Páscoa, na nossa Capela, às 11 horas, na presença do nosso Padre Abel, toda a rapaziada da Casa e alguns familiares da Esperança.

Após o casamento tivemos um almoço que, apesar de dia de Páscoa, era

simples. Mas, para o Bernardo, Esperança e os que viviam o seu casamento com fraternidade não era vulgar pois continha a felicidade de mais um irmão nosso.

Este casamento, foi para mim o mais fraternal entre todos os que se passaram em nossa Casa. Basta dizer que recebemos em conjunto a educação que temos.



A Esperança e o Bernardo

O Bernardo escolheu para padrinhos gente da nossa Casa, tal o amor que o une aos irmãos que o circundam.

O nosso conjunto tocou, mas a farra foi de curta duração por falta de moças para dançar.

O Bernardo e a esposa a meio da tarde foram para casa onde espero que encontrem a felicidade.

BAR — O bar também teve para dia da inauguração o dia de Páscoa. Foi à noite. É um bar lindo. Imita uma cubata, tendo paus de gravilha dos lados e luando por cima. Ao lado do bar uma sala de leitura que é feita de paus de bambu dos lados e, também como o bar, com mesas de paus de gravilha. Tem uma máquina de fazer café que nos foi dada pela «Flórida» que comprou uma nova.

Para a inauguração tivemos uns «Wiskies» e uns «Cinzanos», pois houve alguém que nos deu umas garrafinhas. Depois de tomarmos o café ou o «Cinzano» tivemos a voz do Padre Abel e de alguns amigos da cidade a cantar uns fadinhos para alegrar a noite.

Joaquim Carlos Fernandes

Paço de Sousa

UM IRMÃO NOVO — De olhos piscos, rosto singelo e afunilado, ele é um rapazinho bastante simpático, educado e pouco falador.

Já lá vai um mês que chegou aqui. Chama-se Fernando Augusto. Tem 11 anos. Anda na quarta-classe. E adora trabalhar ao ar livre.

Efectivamente é um observador que olha tudo curiosamente e sorri sempre docemente, quando algo lhe toca o coração.

Para ele a Natureza é a coisa mais bela, atraente, mas dificilmente a entende, mesmo quando se trata da coisa mais singular de todas as coisas naturais; e faz perguntas atrás de perguntas.

Na actividade agrícola ele rejeita completamente todos os serviços prestados pelo tractor e diz que os bois a arrastarem o arado, remexendo os campos, sempre predominam mais e tudo é ainda mais belo ver os homens camponeses com a enxada na mão a consertarem a terra, uns ao mesmo tempo que outros.

Nos recreios distrai-se facilmente com qualquer companheiro. É acessível e brinca muito de acordo com todos, mas quando presente que não é correspondido, justa e necessariamente, ele vem sempre para junto de mim desabafar. E sofremos os dois. E sofremos todos!...

Dentro do curto prazo em que ele aqui se encontra, lembro-me perfeitamente de uma vez estarmos deitados ao sol na relva fresca da piscina e ele me contar pormenorizadamente o que tinha sido a sua vida até chegar à Casa do Gaiato. Foi realmente uma vida muito rude, complexa e ingrata; uma vida que nem toda a gente deste mundo sabe conceber. Mas, agora, ele espera ter muito mais amparo, compreensão, amigos autênticos para se restabelecer melhor. Com efeito, ele hoje já demonstra ter todas estas coisas humanas, as quais considera como primordiais para que a sua vida tenha sentido e um modo mais prático e favorável de viver, quando um dia, sozinho, estabeleceu comigo um acordo em que doravante jamais queria tratar-me por chefe e sim que nos dêssemos como verdadeiros irmãos.

Pois meu irmão novo, quando eu me for embora para a tropa não deixo de ser na mesma teu irmão. Não tenhas medo!

Não te esqueças nunca que eu quero e todos gostaríamos que no amanhã tu viesses a ser cá em Casa um elemento positivo para a Comunidade. Que saibas morar neste lar que nenhum outro te foi mais querido, que saibas amar todos os rapazes que também são teus irmãos, que saibas cumprir teus deveres honestamente, que saibas dar alento a dolorosos prantos, que saibas escutar toda a história de um irmão teu; e nunca hesites em estender o teu braço quando alguém t'o pedir, para que assim te possas manter em óptimas relações com toda a gente. Não renegues nunca qualquer serviço que te peçam e põe sempre a tua plena confiança em funcionamento, mesmo que a responsabilidade seja rigorosa e tamanha ou até mesmo simples e humilde. Difunde na prática toda a paz e sossego que vai no teu coração para que nos homens haja melhor harmonia. E quando tu também te fores embora para a tropa e queiras depois seguir uma outra vida, deixa sempre reconhecida a tua gratidão.

QUEM É ELE? — De longos cabelos caídos sobre os ombros e de

grandes barbas da cor do sol, ele vem sempre aos fins de semana dar aulas de desenho.

Possui um Renault branco, de aparência pobre, mas, pelos vistos, trabalha e anda muito bem e, quando cá chega, estaciona-o sempre ali... junto à nossa tipografia.

Vem do Porto, mais ou menos pelas 10 horas e regressa à cidade por volta das 13 horas.

Veste-se simples e distintamente. Gosta de coisas abstratas e a sua cor preferida é o preto.

Desde há muito que conhece e é amigo da Obra da Rua, que ama todos os rapazes e gosta principalmente de dirigir uma palavra às crianças.

As suas aulas são cheias de interesse e calor humano.

É o senhor Armando, nosso professor de desenho e estética gráfica.

OFERTA — «Como de costume li «O Gaiato» de fio a pavio e, desta forma, li também o pedido para o Carlos.

Tinha cá um rádio para instalar no carro. Mas, pelo que dizes no «Famoso», o Carlos precisa mais. Assim vai pelo correio registado.

Agora, só peço uma coisa ao Carlos: é que não se distraia demasiado com a música para chegar sempre ao destino com alegria.»

Muito agradecemos tão simpático gesto de amizade pela Obra da Rua.

O rádio já se encontra instalado na nossa carrinha e a primeira viagem que o Carlos fez com ele foi até Lisboa.

A antena também nos foi oferecida. A música sai limpinha!

Sem mais, agradecemos tudo e a atenção que sempre nos têm concedido.

Manuel Amândio

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

UM TELEFONEMA — O telefone toca. Do lado de lá, uma voz tripeira.

— (...) Li a nota sobre o caseiro... Suspira levemente. E continua:

— Quero mandar uma coisa. Posso entregar na Rua D. João IV?

— Pode, sim senhora.

— ...

— Obrigado.

Uma voz activa, com ânsia de Justiça!

— Não ponham o meu nome no jornal...

— Esteja descansada.

Mulher cristã! Anónima para os homens, para todos nós — que não para Deus.

— Não ponham o meu nome no jornal...

Sim; poderia ter escrito uma carta, um postal. Mas não. Activa, pressu-



Novos Assinantes de «O GAIATO»

● A VOZ DOS LEITORES

A vida de um jornal como o nosso..., de todos os jornais, é como a vida dos homens...

Mas o sangue novo — os novos Assinantes — além da activar os abúlicos e de suprir os que recusam um compromisso e quantos Deus chama ao longo da caminhada, o sangue novo é sinal de vida.

A gente fica perplexo — é o termo — com a comunicação, o diálogo, a partilha, o testemunho vivo que palpita na procissão de novos Assinantes!

rosa, com ânsia de Justiça imediata, não perde tempo — telefona!

Conversámos pouco mais. Breves segundos. Não interessa...

A voz cirenáica fica a ressoar no ouvido; que nem a abafa o barulho excitante do «Campanera» e do Sabino e do «Paneca» é de toda a malta da expedição do jornal!

— Está lá?

— É do Porto... Li a nota... Quero mandar...

O Porto!

Mais do que lá vem e virá superaria o valor da oportunidade, da urgência, do anonimato.

Se isto fosse assim em todo o lado — outro galo cantaria... E os homens, com certeza, deixariam de andar ao murro...

RECEBEMOS — Não é multidão. As multidões enganam...

É uma procissão discreta. Sem fanfarras, bandeiras, opas, estandartes ou velas.

São homens de boa vontade. Inconfornistas!

Por isso mesmo, quando não operam directamente, dão a mão e a bolsa.

Em todo o caso, dão-se. E sem paternalismo, sem caridadezinha...

Há dísticos que ferem. Profundamente. Dísticos, não!... Testemunhos de vida que traduzem por obras... um programa: a Boa Nova.

Como este, do Porto:

«Junto 200\$00 para a vossa Conferência e, assim, desejo também contribuir para que possais distribuir pelos Irmãos tão carecidos a ajuda de que necessitam para ser menos pesada a sua cruz.

Encanta-me a leitura do «Famoso» e, através dele, já o Senhor me tem ajudado a repartir pelos Pobres alguns dos bens que tem depositado nas minhas mãos, frutos do meu trabalho, que é também uma graça Sua.

Peço-vos uma prece por alma de minha saudosa Mãe a quem o Senhor chamou há nove meses.

Uma portuense qualquer»

Mais este, de Vila Real:

«Sou Moçambicana. E mesmo lá tomei conhecimento do jornal que editam, uma vez que os meus pais são assinantes.

Gostava de ler porque retratava sem subterfúgios os problemas vivi-

do pelos Pobres e suas misérias. E não é repetição. Nem sectarismo. É a verdade. E quando ela mexe e remexe, de facto, com a alma dos homens de boa vontade, ó revolução! Que se não vê... Que passa, talvez, despercebida do grande mundo... Mas é. Pujante. Actuante. Eficaz.

«Somos assinantes do «Famoso» — afirma uma Leitora de Torres Novas — e falamos dele aos amigos. Tivemos assim oportunidade de conseguir uma nova assinatura...»

Parece que não diz nada de especial, esta Leitora. Mas diz: «Somos assinantes... e falamos do «Famoso» aos amigos...»

dos pelos Pobres e suas misérias. E podeis acreditar que nessa altura era o único que o fazia abertamente.

Agora estou em Portugal a estudar. E embora longe dos meus pais, uma vez que eles ainda lá estão, continuo a ler-vos porque na casa onde estou hospedada também são assinantes. E confesso que cada vez gosto mais de «O Gaiato».

Entre tantas frases dogmáticas e tanta gente a falar em nome do Povo e a querer o seu bem, o vosso jornal é o retrato vivo dos Explorados e das suas misérias.

E, caso curioso, eu não sou católica, nem acredito no vosso Deus ou noutra qualquer. Mas isso não importa. Envio esta modestíssima quantia (20\$00) para ajuda dos vossos Pobres.

Realmente sinto-me envergonhada de ser tão pouco, mas é o que posso e espero repetir mais vezes e sempre que tiver oportunidade. É dado da melhor vontade.

Não desanimem. Continuem a gritar através do vosso jornal toda a miséria que existe ao nosso lado, mas que nós procuramos não ver. Abanem os espíritos comodistas. É tudo o que vos peço.

Uma leitora»

Mais outro, de S. João da Madeira:

«Recebi ontem «O Gaiato». E, como o leio sempre de fio a pavio, não podia passar em claro o caso do jardineiro.

Eu tinha de parte uma consoada que me deram pelo Natal, para comprar qualquer coisa. Pois bem, resolvo prescindir dessa coisa, que eu ainda não tinha resolvido o que seria e junto aqui a importância — 500\$00 — para ajudar a pagar a dívida do homem.

(...) Espero guardem o incógnito.»

E ainda mais outro, do Porto:

«Acabo de ler no último número de «O Gaiato» a Nota da quinzena. Impressionou-me. Mais, fez-me doer o coração a situação do pobre jardineiro. E quero ajudar. Não sou rica. Mas, do meu vencimento mensal, tiro uma nota de mil que vou remeter em vale...»

Por fim, mais duas presenças amáveis; uma do Porto, outra de Lisboa, 100\$00 e 500\$00, respectivamente.

Muito obrigado.

Isto é, não guarda. Partilha! E, assim, «tivemos oportunidade de conseguir uma nova assinatura». Aqui está!

Mais uma legenda:

«Sinto-me «obrigado» a ser assinante do vosso jornal. Para tal gostaria que me mandassem dizer o que é necessário...»

Quão expressivo aquele «sinto-me «obrigado»! E «O Gaiato» lá seguiu. E continuará. Sem mais nada.

Este processo choca. Sabemos que sim. Fôssemos uma empresa capitalista. Opinião vendida ou enroupada com as leis da oferta e da procura, as condições iriam à frente e só depois se firmaria o negócio... Assim, não. Choca de terminados temperamentos.

Passa, agora, um caso idêntico; uma peregrina, muito amiga, de Lisboa, que traz na mão «mais quatro assinantes de «O

Gaiato»: duas alunas, uma antiga aluna e uma amiga... que em boa hora se tornaram assinantes, para se encherem de Vida e de Verdade de que o Jornal está cheio». E, por fim, adverte: «Como é vosso hábito «incorrigível», nunca mandais dizer o quanto! Para mim, que sou miudinha nestas coisas, é pena, pois gosto de saber o valor material...»

E continuaremos «incorrigíveis»...

Agora, vem lá Gavião, com mais três Assinantes e uma ache-ga que não poderia ficar debaixo do alqueire:

«(...) Ontem, ao ver o Tele-Domingo sobre o Serviço Nacional de Saúde, lembrei-me tanto de vocês e de Pai Américo! Desde sempre, ele e vocês têm denunciado estes crimes contra a Humanidade. Quem lê «O Gaiato» não pode alegar ignorância destes muitos casos. Quando será que cada um de nós responde a tantos gritos de angústia?! Bem haja a Obra do Padre Américo que nos ajuda a abrir os olhos e ver as coisas com serenidade...»

Reflectindo

As vocações são hoje grande problema na Igreja. Elas faltam em quase todos os seus sectores. Há quem diga que a causa é a falta de generosidade da Juventude desta época. Mas não é assim que se pode ver o problema.

Os meados do século XX revelam-se como o advento da psicologia que veio provocar uma revolução no conhecimento do homem, pelo que motivou um tempo de violentos abalos e crises de adaptação. Assim o homem, sem destruir os seus valores imutáveis, tem que recriar a sua inserção na vida.

Diria que mais do que nunca o homem tem necessidade de Deus. Apesar de todos os recursos da ciência e da técnica nunca a vida pareceu tão frágil e nunca a angústia existencial foi tão vulgar. O homem precisa do Absoluto, precisa de descobrir o sentido da vida, para suportar as suas vicissitudes.

Para cumprir a sua missão (Cristo disse: Sede a Luz do Mundo) a Igreja tem necessidade de quem testemunhe a mensagem de libertação que Cristo entrega ao homem, de quem dê testemunho capaz de ser compreendido e vivido neste momento da história.

Ao longo do tempo o homem vai-se transformando e acredita que apesar dos solavancos e do mal característico de cada época, essa evolução tem uma resultante positiva. Diria que o homem tem, muitas vezes, que caminhar às apalpadelas, procurando a sua evolução e que esta tem sempre contradições. É preciso caminhar em frente e a Igreja deveria ser o

facho, sem o que não participa da aventura necessária à vivência do Cristianismo. Para isso, tem que estar preparada para compreender o momento que passa.

Muitos valores a nossa época vem adivinhando. Valores porventura ainda pouco arrumados, mas que são autênticos e devem ser assimilados. Desenvolvê-los, refleti-los, incentivá-los, será o caminho que poderá conduzir ao ultrapassar da actual crise de vocações. Para isso é necessário que os responsáveis saibam que ser livre é descobrir a parcela de bem que existe nos seus irmãos e ajudá-la a desenvolver-se e não a estiolar.

Uma vida de doação tem hoje um preço muito elevado, porque a vida, mais do que nunca, é sedutora nos seus vários aspectos. Essa doação não pode hoje ser alimentada de fora para dentro, nem mantida por legalismos externos, mas tem que estar apoiada por um diálogo livre e profundo com Deus e o necessário apoio humano. Assim, para fomentar as vocações, há que ajudar aqueles que crescem para a vida, a assumirem a sua liberdade sem o que se não fica preparado para manter um rumo exigente nestes tempos que correm, em que a corrente das ideias é um turbilhão.

Cristo disse que estaria com a Igreja até ao fim dos tempos. Não temamos pois as dificuldades presentes, mas olhemolas como um sinal dos tempos. Porventura a crise que agora vivemos se manterá por mais alguns anos. Que essa crise mo-

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Vamos calar o bico! E dar nota resumida de muitas presenças; todas.

Passa Vila Nova de Gaia, Durães, Monção, Seixo de Ancieães, Portimão, Viana do Castelo, Pa-redes, Régua, Póvoa de Varzim, Espinho, Cacém, Guifões, S. Paio de Oleiros, Pombalinho, Freixo de Numão, Murtosa, Ois da Ribeira, Aveiro, Vimioso, Ovar, Queluz, Bragança, Miranda do Douro. Porto e Lisboa, o costume costumado. Um mundo de gente!

● MUNDO LUSÍADA E ESTRANGEIRO

Angola marca presença em cheio! Só Dalatando é uma coluna de 64 novos Assinantes a engrossar a procissão!! Mais adiante temos o Dondo e Samba Cajú e Bula Atumba e Cabinda e Luanda — a capital. Negros e Brancos de mãos dadas. Um átomo de Paz.

Do estrangeiro, registamos inscrições de Emigrantes: Rio de Janeiro e Newark (U.S.A.).

Júlio Mendes

tive uma reflexão esclarecida em ordem a que dentro de alguns tempos haja maior vivência cristã capaz de fomentar a aparecimento de novos apóstolos.

Apetece-me dizer aos jovens que eduquem a sua sensibilidade ao sofrimento dos outros, que é o caminho que os poderá conduzir à vivência do amor que Cristo pregou ao homem. Que reflectam a vida com um coração sincero, pois é na verdade que se poderão encontrar com Deus e com os irmãos e é na seriedade interior que cada um poderá ouvir a Voz de Deus e o Seu chamamento. O mundo é a grande seara. As necessidades de ajuda atingem os mais diversos aspectos, pelo que cada um deve descobrir o que tem para dar. Optar por esta ou aquela forma de ajuda é dar resposta ao dom da liberdade. Aproveitar o tempo da Juventude para alicerçar a escolha é o dever daqueles que crescem para a vida. Há caminhos não andados que esperam por alguém. Desenhá-los, sonhá-los, desbravá-los, construí-los, sofrê-los, é uma das formas de oração do jovem que não quer viver por viver. O sofrimento do homem passeia por toda a terra. Aliviá-lo aqui ou ali é trazer Deus até perto de nós. Há sempre um lugar onde cada um pode realizar o bem que tem para dar; é só preciso procurá-lo.

Há caminhos não andados que esperam por alguém. Quem quer trilhá-los?... E caminhá-los?

Padre Abel

RECORDES

● «OUVI VERDADES DURAS E VI AQUILO QUE NINGUÉM IMAGINARIA»

Um extracto de reportagem inserta no «Diário de Notícias»:

«Foi mais trabalhoso que o primeiro, o segundo e último dia de trabalho no Porto do ministro do Equipamento Social e Ambiente, do secretário de Estado da Habitação e Urbanismo, e ainda do presidente do Fundo de Fomento da Habitação. Realmente para além de uma reunião com a comissão coordenadora e brigadas técnicas do S. A. A. L. aqueles dois membros do Governo fizeram visitas a zonas de autênticas «colmeias» humanas, o que impressionou altamente o ministro.

Elementos do S. A. A. L. propuseram-lhe a reorganização e o desbloqueamento do organismo, ficando assente a realização, em Lisboa, de uma reunião, no fim desta semana.

NOTAS DO TEMPO

Cont. da PRIMEIRA página

como fatalidade — em conformismo.

A conformação é paciente sim, mas operosa. Evita os desequilíbrios da inércia e a violência na acção.

Os habitantes dos barredos que agora dão o salto para as torres não são os mesmos conformistas que, em maioria, eram outrora. Mas fá-lo-ão por si? Não serão ainda «bola» jogada por aventureiros que só agora os toparam e os agitam como bandeiras dos seus interesses?...!

Nós conhecemos o Barredo, muitos barredos, de quando ainda poucos os conheciam.

● A imaginação é cara e a moda uniformizante.

Assaltos, ainda... para Creches e Jardins de Infância. As vezes lá aparece também a Biblioteca e as salas de alfabetização como finalidade do assalto.

Onde estão esses Jardins de Infância a funcionar? Onde as Creches? Onde o Pessoal habilitado para tal? Gostava de saber!... Nós que há dois anos procuramos uma Auxiliar de Educadora de Infância para os nossos «Batatinhas», com alguma técnica e muito coração — e só agora temos esperança de estar na pista de uma, disposta a trocar a cidade pela aldeia e que parece não viver a sua missão, como somente um título para um salário mensal, com o tédio de que «nunca mais é sábado» e muitas olhadelas ao relógio na impaciência da hora de despegar!

Padre Carlos

Entretanto, foi dito que chegará hoje ao Porto um técnico especializado em expropriações, de modo a que estas se processem com a rapidez desejada. Salientou o ministro que as expropriações das zonas das Antas, S. Vitor, Lapa e Boavista tinham já sido assinadas pelo secretário do Estado, aguardando-se apenas que o Governo as considere de utilidade pública.

Acerca do financiamento, está assente que, para além das expropriações, se vai proceder às indispensáveis infraestruturas que nada custarão aos interessados — pelo que as populações do Porto beneficiarão de 90 contos em cada caso. O ministro prometeu propor ao Conselho de Ministros um outro tipo de financiamento que seja acessível às populações e apreciou, ainda, o trabalho do processo S. A. A. L. no atelier do arquitecto-chefe das brigadas técnicas, ficando bem impressionado com o que viu.

No Barredo, os moradores vieram para a rua, pedindo cada um deles ao ministro para visitar as condições miseráveis em que vivem. O ministro conversou com um inquilino que paga 600\$00 a um subaluga, informando-o de que a vida exploradora desses parasitas ia terminar. Esclareceu que o conjunto dos moradores não pagará mais do que aquilo que o subaluga paga de renda ao senhorio, e mais 20 por cento. Isto significa que se um subaluga paga ao senhorio 1000\$00, os moradores todos apenas pagarão 1200\$00. Além disso, o senhorio terá de fazer um contrato de arrendamento com todos os inquilinos.

Acerca do Barredo, o ministro revelou que para levar a cabo o empreendimento, foi ele dotado com uma verba de 97 mil contos — verba que permitirá uma perfeita reconversão da zona.

O ministro terminou a visita, afirmando: «Ouvi verdades duras, verdades difíceis de ouvir, onde as populações foram contundentes, e vi aquilo que ninguém imaginaria: coisas medonhas que, contadas, ninguém acredita. Só vistas.»

Senhor ministro: «Há mais de um século que nos Arcos da Ribeira — no Barredo — se gasta a vida assim!»... (Pai Américo).

● VELHICE

O problema da Terceira Idade é um dos mais graves deste País.

De uma carta publicada no «Diário de Lisboa»:

«(...) É lamentável verificar que existem pessoas que trabalharam toda uma vida e que hoje sem poderem angariar meios de subsistência, devido à idade, se vêem de repente, reduzidas à miséria. E que se não fora por vezes o carinho fraterno e amigo de alguns, ou a ajuda pequena de uma Casa do Povo, essas pessoas certamente haviam há muito morrido à fome. Casos destes existem neste concelho e em outros,

por esse País fora. Concretamente, cito um caso que me é familiar, na medida de que tenho tentado resolvê-lo: a situação em que se encontra há 14 anos a viúva de um guarda da P.S.P., que vem recebendo durante todo este tempo, a ridícula quantia de trezentos escudos mensais do Montepio da Polícia. Além desta magra quantia, é subsidiada pela Casa do Povo, que lhe dá todos os meses igual pensão. Poderá uma pessoa viver com seiscentos escudos apenas, pagando trezentos de renda de casa, numa altura em que tudo aumenta?...

Outra, no «Diário de Notícias»:

«Pelo facto de viver em precárias circunstâncias, vi-me obrigada a alugar, por um preço irrisório, uma pequenina habitação que meus pais me deixaram, passando a habitar no

O combate pela Justiça

Extracto do tema espiritual proposto aos Confrades de S. Vicente de Paulo, da Bélgica, publicado no boletim de ligação DAVANTAGE:

«A leitura da Bíblia impõe ao cristão um comportamento «ético», não apenas em relação às faltas cometidas para com as pessoas, mas sobretudo em relação ao pecado colectivo que se encontra ligado às nossas estruturas sócio-económicas.

AREIAS DO CAVACO

Continuação da PRIMEIRA pág.

Com muita alegria vão chegando alguns vales para a mercearia e para o pão daquelas mães.

Estes gestos não resolvem todos os problemas. Que importa? Têm que ser resolvidos a outro nível? Sim. Mas sê-lo-ão com a colaboração de todos nós. Ninguém se pode considerar dispensado de dar a sua quota parte.

Se mudássemos o rumo de nossas vidas e acreditássemos que em nossas mãos está a chave da felicidade destes seres que são carne da nossa carne...; se renuncássemos a tanta coisa que não é necessária nem aos nossos filhos...; se nos decidíssemos a dar, mesmo com sacrifício, parte do que chamamos nosso — a inquietação que nos consome e a insegurança em que vivemos, porque nos apoiamos mais no que temos do que naquilo que damos, transformar-se-iam em Paz.

Pe. Manuel António

sótão. Há tempos, tive conhecimento de que, na Casa do Povo, fora aberta uma inscrição de velhinhos que passariam a receber um subsídio. Aconteceu, porém, que me foi recusada a inscrição, enquanto há proprietários, com prédios de rendimento, que estão a receber o subsídio de velhice. Mas isto não ocorreu, apenas, comigo. Também há uma pobre viúva, de 76 anos, sem recursos e sem filhos, que está vivendo por esmola numa dependência que um proprietário lhe cedeu. Igualmente esta viu negado o subsídio pela Casa do Povo. Quando chegará aqui o 25 de Abril?»

● «NÃO HÁ ELOQUÊNCIA IGUAL ÀS OBRAS FEITAS»...

No «Diário de Notícias», uma reportagem ilustrada e muito oportuna — «Tempos livres de Estudantes dedicados a melhorar as condições de vida no Bairro dos Fonsecas», em Lisboa:

Esta constatação leva inevitavelmente a que nos interroguemos sobre a nossa atitude perante a política e perante as relações entre esta e a religião. O que é a política?

«Sobre o termo política muitas confusões são possíveis e devem ser esclarecidas, mas todos sentimos que nos domínios sociais e económicos, tanto nacionais como internacionais, a decisão última cabe ao poder político. Esse, que é o meio natural e necessário para assegurar a coesão do corpo social, deve ter por fim a realização do bem-comum. A política é uma maneira exigente, mas não a única, de viver o compromisso cristão ao serviço dos outros (Octogésimo Adveniens)».

Precisamos de meditar estas linhas, que reabilitam a política e mostram a sua utilidade e valor.

O traço de união entre a política e a justiça é essencial. Na verdade, se queremos realizar o bem-comum, é claro que devemos ter por objectivo o desenvolvimento de todos os homens como seres fundamentalmente iguais.

Mas, como a injustiça encontra na maior parte das vezes a sua causa nas próprias estruturas da vida social, o combate pela justiça tomará uma dimensão social, tendo por

«Entre 30 e 50 alunas e alunos da Faculdade de Medicina de Lisboa, decidiram passar o seu dia de ontem a trabalhar com os moradores do Bairro da Quinta dos Fonsecas, um aglomerado de barracas vizinho do Hospital de Santa Maria. Objectivos do dia de trabalho: iniciar a instalação de um pavilhão pré-fabricado, onde irá funcionar a cooperativa de moradores; e avançar com as tarefas da recuperação do edifício que até ao ano passado, albergava uma escola primária e uma creche.

«Antes do início do ano escolar, isto fica pronto», dizia um dos elementos da comissão de moradores da Quinta dos Fonsecas.

«E, além da creche e da escola, vamos também pôr aqui a funcionar uma escola para adultos, pois a maioria da nossa população é analfabeta.»

Assim, sim! «Não há eloquência igual à das obras feitas»... (Pai Américo).

Júlio Mendes

objectivo soluções duradouras e estruturais.

O cristão deve viver esta dimensão política, tanto na qualidade de homem como na de cidadão, interessando-se pelas coisas públicas.

Sem desconhecer «a justa autonomia das realidades terrestres (Gaudium et Spes)», ele encontrará no Evangelho orientações certas que o auxiliarão a seguir no mundo uma acção libertadora.

Serão essas orientações:

- O respeito absoluto pela pessoa humana, criada à imagem de Deus;
- A oposição a toda a escravização do homem, tendo como consequência uma preferência dada aos Pobres e aos Fracos;
- A escolha da não violência;
- O espírito de conciliação e de perdão.

O Evangelho proporciona assim critérios de apreciação fundamentais para o cristão que queira exercer uma acção política digna desse nome. Mas isso não basta para passar às realizações concretas. O cristão deverá confrontar esses critérios com aqueles que lhe surgirem de uma análise atenta da situação social.»

In «ESCALADA» — Folha de ligação do Conselho Central do Porto da Sociedade de S. Vicente de Paulo.



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa